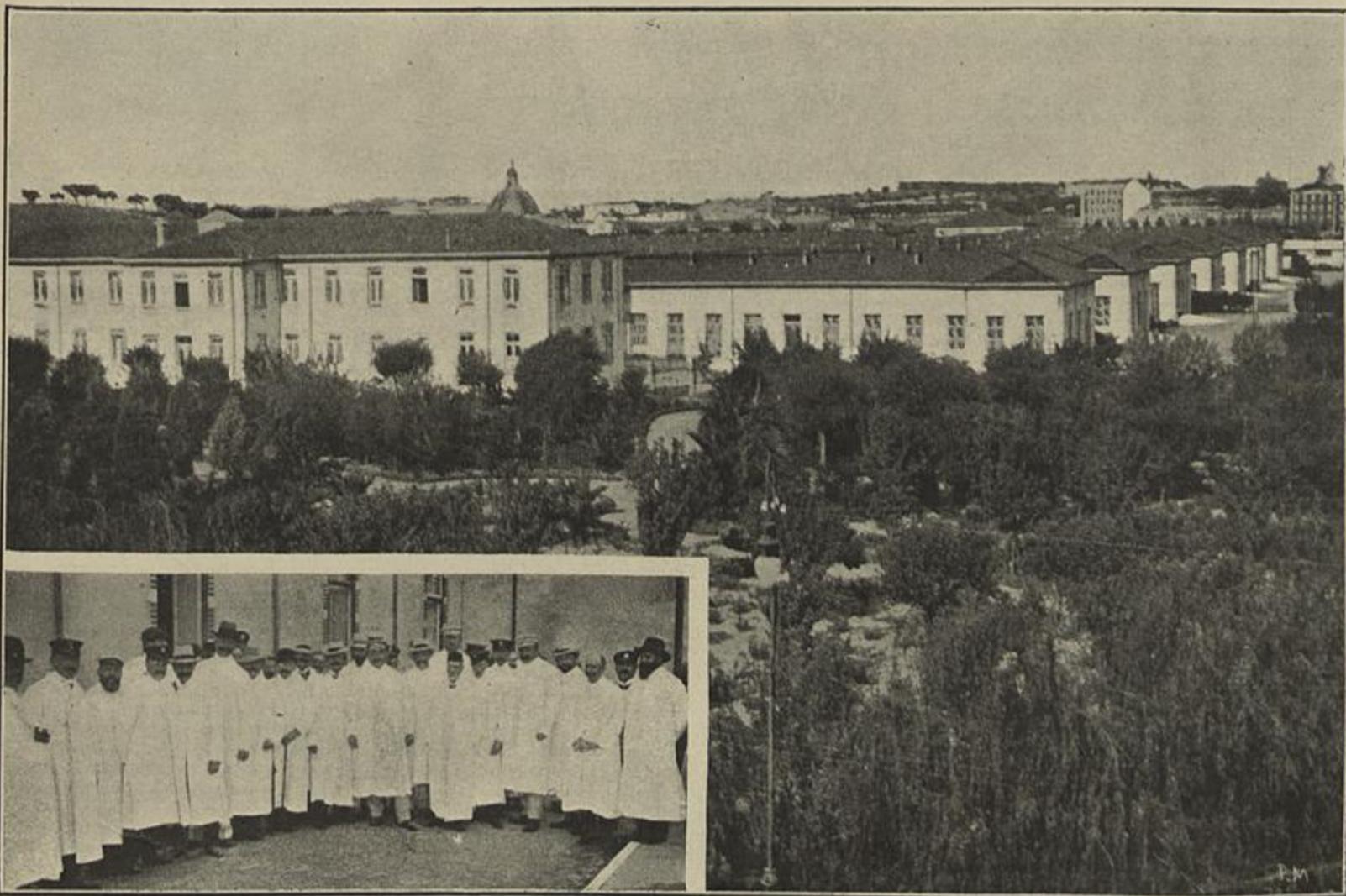
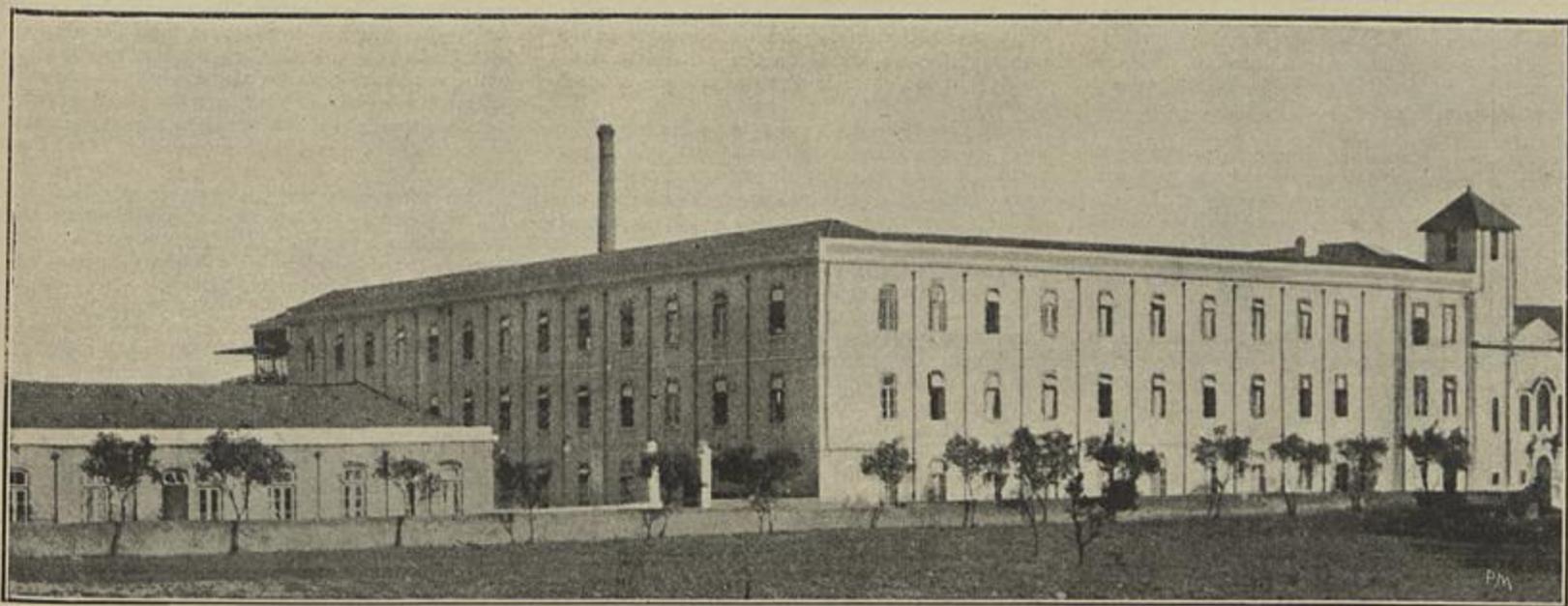
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	30 de Setembro de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27	N.º 1071

GRUPO DE MEDICOS ALEMÃES NO HOSPITAL DO REGO — * DR. CURRY CABRAL   OS PAVILHÕES PARA AS DOENÇAS CONTAGIOSAS

O HOSPITAL DO REGO PARA TUBERCULOSOS

(Clichés Alberto Lima)

Chronica Occidental

Apesar do calendario marcar a entrada do outono no passado dia 22 deste mez, o verão continua a presistir e a vedar a passagem ao seu sucessor, com a firmesa de quem não quer abdicar, por mais que as trovoadas avancem com seus pavorosos rugidos desprendendo raios e curiscos.

Mas se o ceu se entenebresse por algumas horas e despenha a caudal de suas cataratas, o sol volta a resplandecer e o calor a continuar, afugentando a gente da cidade em busca das frescas sombras das matas do Bussaco ou de Cintra.

A vida continua assim no campo e nas praias; a vida e a morte, como tristemente a chronica tem a registrar entre as alegrias descuidosas dos que andam em busca dos prazeres.

Foi em Cintra, na historica vivenda do Ramalhão, que a morte colheu dois rapazes no florescer da vida, um ainda estudante da Universidade, o sr. Fausto Guedes, e o outro, sr. Caetano Wrem, filho do sr. Visconde de Wrem, consul de Portugal em Bombaim e atualmente em Lisboa com licença.

A quinta do Ramalhão é hoje propriedade da sr.ª Viscondessa de Valmor, que ali vae passar o verão com sua familia e seu afilhado sr. Fausto Guedes. Estavam tambem acompanhando os srs. Viscondes de Wrem, e todos em agradavel intimidade gozavam aquelle pequeno paraizo, que foi residencia real e que Junot não desdenhou habitar tambem.

Na grande lagôa iam banhar-se os srs. Fausto Guedes e Caetano Wrem, este o primeiro a entrar na agua e o outro depois. As familias de ambos assistiam a esta diversão, quando o segundo que se atirou á lagôa, perde pé e se afunda. O sr. Caetano Wrem corre a socorrel-o, mas afunda-se tambem e ambos só dali são tirados já cadaveres.

Um horror!

Não pára, infelizmente aqui, a chronica triste. Cinco dias depois desta desgraça, outra se lhe segue na costa de Caparica. E' um alumno da Escola Academica, que a tomar banho na praia, uma onda de resáca o envolve e arrebata em seus rolos de espuma. Para lhes acudir atira-se á agua o enfermeiro Amaral, mas outra onda o envolve tambem. Salta um terceiro, o sr. Maurice, professor de esgrima, em soccorro dos dois, a sua abnegação, porém, é mal recompensada, porque estando prestes a deitar as mãos aos dois infelizes, uma onda o colhe para não mais se vêr, emquanto os que elle queria salvar desaparecem por fim.

E é no meio destes caprichos da morte que o cirurgião francês Doyen vem dizer que «só do homem depende o viver seculos»!

Esta afirmação é por emquanto nublosa, não se sabendo ao certo se se trata de um elixir para vender na botica a um tanto cada grama de vida, ou de um regimen social que nos faça renunciar a todos os prazeres da civilisação, para voltarmos á vida do paraizo, mas sem Eva e sem maçan.

Então sim, já o principe de Broglie não andaria por esse mundo a desposar mulheres como quem aluga casas novas todos os semestres, para gosar a novidade.

Se a vida se alonga demasiadamente teremos um mundo de velhos e de velhas, sobre tudo, sem esperanças de progene que prepetue a raça, e lá desaparece o imposto de consumo por desnecessario para consumir a especie humana.

Ficariam assim satisfeitas as aspirações dos povos de não pagarem porque comem o que lhes custa o seu dinheiro, e atingiriam o ideal de acabarem as guerras, pelas imples razão dos velhos não poderem com uma gata pelo apendice.

Um mundo de paz e de comesaina livre. Todos de contas na mão e borracha á cinta, como lá se diz.

Cada qual no seu cantinho, contemplando o passado, e sem animo de investir com o presente.

Podia a Propaganda de Portugal propalar aos quatro ventos o asseio irrepreensivel das ruas de Lisboa e os *bonets* dos cocheiros de praça, que ninguem se mexia a vir cá verificar se a iluminação municipal era a luz elétrica ou a azeite de peixe.

Podiam os empresarios anunciar em grandes cartazes desenhados com figuras provocantes de danças de ventre ou de cançonetistas *des Folies Bergère*, que ninguem se comovia, porque empresarios, dançarinas, conçonetistas e publico eram tudo velhos que não se divertem com outros velhos...

Emfim, o mundo não era nada disto que estamos vendo, e nem se quer teriamos toiradas para oferecer aos estrangeiros que nos visitam, como prato de resistencia da nossa civilisação.

Já os ditos estrangeiros não poderiam vir a Lisboa ouvir cantar o *Barbeiro de Sevilha* em português por cantores portugueses, innovação que o empresario Taveira anuncia para as noites de inverno no teatro da Trindade.

Por este andar poderemos nutrir a esperança de ainda se cantar no Scala, de Milão, o *Solar dos Barrigas*, em italiano.

Emquanto não chega, porém, o inverno mais energico para depôr o verão, vae este imperando com suas diversões por essas estancias de aguas em que se trata do figado e se faz *sport*.

Nas Caldas, por exemplo, organisou o sr. Conde de Fontalva um concurso ipico, que depois deu logar a uma outra festa em honra do distinto *sportsman*, tomando nella parte a Associação Comercial e Industrial das Caldas e toda a colonia de aquistas.

Não faltam festas por essas terras fóra, onde chegam os marechaes dos partidos e alguns subalternos. Esfuziam os foguetes e sopram os trobones influentes, ás recepções e jantares. Uma alegria doida pelo mar de rosas em que isto tudo navega.

Póde o cambio descer a 45 e as libras subirem a 5$300 réis que a alegria nacional não se perturba, por que não tem libras para comprar nem para vender. Governa-se com os papelinhos e os nicles e com isso compra os melões e vae aos animatografos.

As vindimas enchem os cestos e a uva vende-se por uma tuta e meia para não fabricar mais vinho que não tem consumo. Quando esta riqueza chega ao despreso de se vender nas carvoarias junto com o pó de carvão, não admira que daqui para o futuro ninguem que se prese beba vinho, coisa réles só para bebados.

Mas se o outono nos trouxe as vindimas, o sr. comendador Santos trouxe para o Coliseu o Homem Pião e Miss Liday & Carlys com a sua prodigiosa coleção de cães amestrados capazes de dar lições a todos os cães de Lisboa que vagueiam por essa cidade.

Assim começa o outono embora o termometro marque para cima de 30° de calor.

Caetano Alberto.

Medicos alemães em Lisboa e visita ao Hospital do Rego

Em viagem de estudo e de recreio chegaram no dia 19 do corrente, a Lisboa, a bordo do vapor *Oceana*, 341 medicos alemães, encontrando-se entre elles algumas sumidades medicas da Alemanha, que veem estudar em parte o clima da peninsula, para o que, visitaram S. Sebastian, e agora Lisboa, tendo tambem estado na Madeira, Canarias e Tanger.

Pouco depois do *Oceana* atracar á muralha do Posto de Desinfecção compareceu no local a comissão de medicos portuguêses para receber os seus colegas alemães.

Essa comissão, presidida pelo sr. conselheiro Silva Amado, era constituida pelos srs. drs. Alfredo Luis Lopes, Almeida Ribeiro, Annibal Bettencourt, Antonio de Azevedo, D. Antonio de Lencastre, Antonio Pereira Coutinho, Augusto de Vasconcellos, Ayres Kopke, Azevedo Neves, Cardoso Pereira, Carlos Maciel, Carlos Santos, Celestino da Costa, Fernando Mattos Chaves, Francisco Gentil, Henrique Mouton, Joaquim Evaristo, José Curry Cabral, José de Almeida, José Pereira Amado, Manuel Moreira Junior, Mello Breyner, Miguel Bombarda, Miguel Solano, Oliveira Feijão, Pinto Magalhães, Silva Carvalho e Silva Telles.

A impressão que os ilustres visitantes receberam em presença do vasto Tejo foi magnifica, como manifestaram, e a mesma lhe ficou do passeio que deram pela cidade, visitando o Jardim Botanico da Escola Politecnica, dirigindo-se depois pela Avenida da Liberdade ao Hospital do Rego, sendo acompanhados pela comissão de medicos portuguêses, que lhes fez as honras da recepção.

No Hospital do Rego, de que abaixo trataremos, foram recebidos pelos medicos das varias enfermarias e pelo sr. dr. Curry Cabral, enfermeiro-mór dos hospitaes, e mais pessoal das enfermarias.

Feitas as apresentações e cumprimentos, passaram a visitar o estabelecimento, tendo para esse fim vestido por sobre o fato que traziam, uns amplos casacos brancos até aos pés como se usam para as operações e visitas ás enfermarias, etc.

O tempo era pouco para uma visita demorada, entretanto deteram-se quanto possivel em cada enfermaria, onde o sr. dr. Curry Cabral ia explicando aos medicos alemães o tratamento a que eram destinadas, conforme as diversas fases da tuberculose.

Passaram depois a visitar os pavilhões annexos destinados a doenças contagiosas, construidos no grande parque do hospital, e convenientemente isolados uns dos outros.

Esta visita produziu a melhor impressão nos medicos alemães, que elogiaram muito todas as instalações, o asseio e ordem em que tudo se encontrava, declarando que não ha melhor no seu país.

A falta de tempo não permitiu a visita aos hospitaes de S. José e Estefania assim como á Escola Medica e Instituto Bactereologico, sendo aproveitado o fim do dia para irem vêr a egreja dos Jeronymos e Real Casa Pia, em rapida visita em que não obstante os alemães admiraram a belesa e magestade do sumptoso templo, bem como a boa disposição e ordem que notaram nas aulas, dormitorios e mais dependencias da Real Casa Pia.

A's 9 horas da noite, na grande sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, houve uma sessão dedicada aos medicos alemães, em que o professor sr. conselheiro dr. Silva Amado fez uma conferencia sobre o clima de Lisboa.

Dr. Silva Amado

O sr. dr. Silva Amado dissertou largamente em francez, sobre o assunto da conferencia, demonstrando com dados estatisticos e boletins meteorologicos das observações feitas nos ultimos quarenta annos pelo Observatorio da Escola Politecnica, o paralelo do clima de Lisboa com a afamada estancia de verão de Nice, confirmando ainda este paralelo com os boletins do *Bureau Central Meteorologique de France*. Demonstrou tambem as diferenças de temperatura entre Madrid e Lisboa, resultando ser a primeira mais quente no verão e mais fria no inverno. Disse que os climas que mais se aproximam do de Lisboa, são os de Napoles e Constantinopla.

Referindo-se ás temperaturas do Estoril e de Cascaes, apresenta a opinião de alguns sabios estrangeiros que teem demonstrado a excellencia do clima temperado que domina nestas duas estancias.

O ilustre conferente conclue a sua béla conferencia, assinalando o florescente futuro reservado a Lisboa como cidade de amoravel clima e de goso, desde que estejam completos os melhoramentos iniciados que mais contribuirão para realçar suas belêsas naturaes.

O numeroso auditorio que enchia a grande sala aplaudiu o conferente, e o sr. dr. Strumpeel, em nome dos seus colegas alemães agradeceu a festiva recepção, num improvisado discurso em sua lingua.

Terminada a sessão, a que presidiu o sr. Roma du Bocage, vice-presidente da sociedade em exercicio, visitaram depois os medicos alemães as outras salas e deteram-se interessadamente no museu colonial, apreciando muito os produtos das nossas possessões ultramarinas ali expostos.

No dia seguinte, domingo 20, foram os nossos ilustres hospedes de passeio a Cintra gosar as frescas sombras dos seus arvoredos seculares e as belêsas naturaes daquella naturêsa encanta-

dora, onde a arte tambem tem espalhado lindas edificações, coroadas pelo palacio acastelado da Pena, que domina no alto da serra com sua brincada arquitetura de notavel opulencia.

Para que os alemães não passassem neste país sem avaliar um de seus usos mais caracteristicos, assistiram de tarde a uma tourada na Praça do Campo Pequeno.

A' noite, pelas 11 horas, o *Oceana* levantou ferro, e nelle retiraram os nossos hospedes de dois dias, dirigindo se para Hamburgo.

* * *

Dissemos que, os medicos alemães, visitando o Hospital do Rego, se haviam detido quanto possivel no seu exame, sendo seguramente a minuciosa observação deste edificio hospitalar, o que mais interessava ao objeto da sua viagem de estudo.

Sob este ponto de vista, crêmos que os nossos ilustres hospedes poderam verificar que em Lisboa os serviços hospitalares não estão descurados e, antes se procura pôl-os a par do que lá fóra ha de melhor.

Os progressos mais recentes da hospitalisação não são desconhecidos em nosso país, e honram a classe medica que muito tem trabalhado para o conseguir.

Foi assim que, em 1901, tendo-se reconhecido a insuficiencia dos hospitaes existentes para tratamento dos doentes, cujo numero crescia a olhos vistos, e em que não pouco avultavam os atacados da terrivel tuberculose, sendo perigosa a promiscuidade destes doentes nas enfermarias com outros de diversas enfermidades, neste sentido representou ao governo a direção do Hospital de S. José, fazendo sentir a necessidade inadiavel de um novo hospital, principalmente destinado ao tratamento dos tuberculosos.

O governo atendendo á justa representação que lhe era feita, e ás indicações do local que mais convinha para a edificação, tendo em vista tambem a parte economica com o aproveitamento de algum edificio do Estado, que melhor podesse ser applicado áquelle fim, mandou entregar á administração do Hospital de S. José, o antigo hospicio do Rego habitado pelas servitas de Nossa Senhora das Dôres, as quaes ordenou fossem repartidas por outras casas religiosas.

Entretanto a adaptação do velho edificio a hospital, demandava de despeza orçada em trezentos contos, para que o governo contraíu um emprestimo a esse fim aplicado, começando as obras com incremento, em 1902.

Transformou-se a antiga edificação em edificio principal para tratamento de tuberculosos, pela seguinte fórma:

No primeiro pavimento ao rez do chão, ficaram a secretaria, residencias do medico, farmaceutico e do fiscal, farmacia e casa de banhos, sala da administração, arrecadação de fatos dos doentes, dispensa e vestiaria para os empregados. Separadas destas dependencias uma enfermaria com 34 leitos.

No primeiro e segundo pavimentos superiores, amplamente arejados e iluminados de luz natural por grandes janélas, tres enfermarias em cada andar com 42, 31 e 16 leitos, ou o total de 178.

Nesta primeira secção, mas em edificio separado, instalaram-se: cosinha e suas dependencias, casas de maquinas elétricas e de vapor e estufas de desinfecção.

Estas edificações levantam-se num parque com arvoredo, exteriormente gradeado e com portão de entrada junto ao qual se construiu uma casa onde funciona a consulta medica externa e se fazem operações cirurgicas.

No extremo norte deste parque é a capéla com sahida para a rua.

A parte ocupada por esta primeira secção abrange 65^m,280 quadrados, dos quaes as edificações occupam 10^m,653.

A segunda secção, destinada ao tratamento de doenças infecto contagiosas e de observação, consta de 22 pavilhões, construidos isoladamente uns dos outros, formando arruamento, com intervalos de 17^m,70 entre si; 14 destes pavilhões são de um só pavimento e com capacidade para 33 camas cada um. Ao lado destas filas ha mais tres pavilhões, um para 15 doentes e dois para 6 cada um, o que faz o total de 516.

Em cada um dos topos do arruamento erguem-se dois edificios de dois andares, destinados a habitação de enfermeiros e mais empregados do hospital.

Esta secção ocupa a area de 46^m,232 quadrados, sendo ocupada pelos edificios 7^m,898.

Por estes numeros se vê a vastidão de que dispõe o Hospital do Rego, em que pódem ser admitidos 728 doentes comoda e higienicamente instalados, e para o tratamento dos quaes todas as enfermarias teem seus respectivos medicos com suficientes enfermeiros e mais pessoal.

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

A Fabrica de Vidros das Lobatas

Continuando na apreciação dos produtos portuguêses enviados ao grande certamen do Rio de Janeiro, onde a nossa arte e industria fraternisa com os produtos brasileiros, encontramos na secção III, Industria, a Fabrica de Vidros das Lobatas ocupando o logar que condignamente lhe compete.

Não é esta uma industria nativa do país, visto que tem de importar o melhor da sua materia prima, como aliás acontece a muitas outras, mas pelo importante consumo que tem aqui, especialmente a garrafaria para os vinhos portuguêses e aguas medicinaes, vale bem exploral a para emprego de capital e de braços, como uma das que tem mais razão de existencia entre nós.

Comtudo ha vinte annos, quasi não se fabricava uma garrafa em Portugal, porque algumas tentativas que para isso se fizeram não logravam exito e em breve desistiam.

Entretanto Portugal importava annualmente o melhor de 14 milhões de garrafas e cem mil garrafões de que precisava, e que lhe vinham da Inglaterra e por fim da Alemanha, mais habilitada nesta industria, representando isto uns quinhentos contos de réis que todos os annos iam para o estrangeiro, acrescendo que era este o unico país vinhateiro que não fabricava vasilhas de vidro para seu uso.

Foi em fins de 1888 que se formou uma sociedade para a exploração desta industria, constituida pelos srs. James Gilman, Justino Guedes, William Gilman e José L. da Silva Gomes, e se fundou uma fabrica de garrafas na Amora ao sul do Tejo, nos vastos terrenos da *Quinta das Lobatas*, propriedade do sr. Silva Gomes, e excelentemente situada á borda do rio, facilitando o embarque e descarga dos materiaes.

Principiou por se construir um forno pequeno de fogo dirêto e por se contratarem operarios inglêses, visto no país não os haver desta especialidade. Principiou tambem a luta, que não foi pequena, pois a insuficiencia da fundação não permitia o desenvolvimento necessario, e o *ultimatum* de 1890, que exacerbou o povo contra a Inglaterra, tornou necessario repatriar os operarios inglêses para evitar alguma ocorrencia desagradavel e complicada.

A fabrica suspendeu sua laboração e reconhecendo se que para de novo funcionar era preciso maior capital, constituiu se uma companhia anonima com cem contos de acções, que depois se elevou a cento e cincoenta, sendo o principal accionista o sr. Antonio Centeno que á sua parte tomou a metade.

Construiu-se então um forno continuo do sistema Siemens, o primeiro para garrafas que se fazia em Portugal, e contrataram-se em Hamburgo operarios alemães, garrafeiros e ajudantes que, com suas familias, vieram estabelecer-se na Amora, formando se ali um bairro, onde vivem desde julho de 1890.

Continuou, porém, a luta para vencer as más vontades do mercado e concorrer com a importação estrangeira desde tantos annos arreigada no país.

Só no fim de seis annos da nova instalação, vencidas as maiores dificuldades e o periodo da aprendizagem, viram as fabricas sua vida mais desafogada, com uma produção e consumo progressivos.

A produção, que em 1891 fôra de 1.806:121 garrafas, atingiu em 1900 4.941:729.

Em 1903 começou o fabrico de garrafões, e em 1907 as duas fabricas reunidas—a primitiva e a moderna - fabricaram e venderam 10 milhões de garrafas e cem mil garrafões.

Acham se em construção novos fornos, que pódem produzir todas as garrafas e garrafões que o nosso comercio de vinhos poderá precisar, deixando ainda para exportação.

Nesta industria se empregam actualmente 700 operarios, homens e mulheres, havendo já grande numero de garrafeiros portuguêses, ajudantes, forneiros, etc.

Os produtos destas fabricas tão perfeitos como os similares estrangeiros, satisfazem plenamente ao fim a que se destinam, e estão sendo devidamente apreciados na Exposição do Rio de Janeiro, onde tem causado certa surpresa, por ser uma industria explorada em Portugal, ha, relativamente, poucos annos.

A gerencia desta fabrica está entregue ao sr. José L. da Silva Gomes, que tem envidado todos os esforços para o seu progressivo desenvolvimento.

Centenario da Guerra Peninsular

Soult

A segunda invasão das tropas francezas em Portugal occorreu pelo norte no anno de 1809, sob o commando superior de Nicolau João de Deus Soult, nascido em 1769, alistado aos 16 annos de idade e fallecido com o posto de marechal-general em 1852.

Este militar illustre, que na batalha de Austerlitz contribuira com peso decisivo para o seu desenlace glorioso, penetrou no nosso paiz pela Galliza e apoderou-se do Porto no dia 29 de março d'aquelle citado anno.

Ephemera para os soldados intrusos foi, porém, a relativamente facil conquista da segunda cidade do reino: no mez de maio seguinte, de novo se achava restituida á integridade primitiva.

Devemos ao merito disciplinador e organisador do inglez Beresford a rapida libertação do territorio nacional invadido então, das mãos do futuro ministro da guerra de Luiz XVIII e de Luiz Filippe.

Quem era Beresford?

A esta pergunta vou responder com as palavras ponderadas do erudito capitão d'infantaria, Silva Villar, no excellente volume — *Atravez das Ordens de Beresford, durante a Guerra Peninsular:*

«A familia Beresford pertence á primeira nobreza de Inglaterra e tira o seu nome do castello feudal no Strafordshire.

O general Beresford (William Carr, visconde de) que depois foi conde de Trancoso e marquez de Campo Maior, de quem o nome é pronunciado e invocado de fórma a denunciar um mixto de terror e respeito — alguma cousa mesmo de extraordinario e mysterioso — nasceu na Irlanda em 2 de outubro de 1770 e foi filho do primeiro marquez de Waterford. Assentou praça em 1785 e tomou parte nas expedições, que os inglezes enviaram contra Toulon e contra a Corsega.

Estando na India, como coronel do 88 de infantaria, seguiu com o seu regimento na expedição contra o Egypto, para expulsar Napoleão.

Porque estavam terminadas as operações, não tomou parte n'ellas, sendo encarregado da direcção policial e economica dos hospitaes, em que se houve com superioridade.

Esteve tambem na America, onde se apoderou de Buenos Ayres, que pouco depois teve que abandonar, e foi elle que, fazendo parte da expedição ao Cabo da Boa Esperança, assignou a convenção que restituiu á Inglaterra tão apreciada colonia.

Quando Junot se apoderou de Lisboa em nome do Imperador, e se publicaram os decretos de 22 de outubro e 8 de novembro — mandando fechar os portos aos navios inglezes, prender os subtidos britannicos e sequestrar lhes as propriedades que tivessem em Portugal — a Gran Bretanha enviou uma esquadra ás aguas da Madeira com uma expedição, composta de dois regimentos de infantaria e duas companhias de artilharia, sob o commando do então major general Beresford que, com o almirante Samuel Hood, *exigiu* do governador a entrega da ilha, assignando-se uma convenção pela qual a Madeira passou a ser uma *possessão ingleza*.

Tornava-se assim effectiva a convenção secreta, assignada em Londres, pelo ministro plenipotenciario Sousa Coutinho e Canning, ministro dos negocios estrangeiros. Por ella se impunha a obrigação de expedir ordens secretas ao governador da Madeira para que não oppozesse resistencia, ou a apparentasse sómente, á expedição ingleza.

Que admira, pois, que os officiaes militares e empregados civis prestassem, em seguida, juramento de fidelidade, nas mãos do que pouco tempo depois e por ser solicitado, foi o chefe superior das tropas portuguezas!...

Nas considerações que precedem os artigos da convenção, assignala-se — que seria justo que a Inglaterra forçasse o porto de Lisboa, pelo facto

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Fabrica de Vidros das Lobatas

Vista geral da Amóra e Fabrica de Vidros das Lobatas

Vista exterior da Fabrica e bairro dos operarios alemães

Vista interior da Fabrica, lado do nascente

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Fabrica de Vidros das Lobatas

de se fecharem os portos ao pavilhão britannico, — o que se fazia para *evitar* a guerra com a França.

Tristes consequencias d'uma politica inspirada na fraqueza, proveniente da desorganisação militar e mental.

O paiz inerme jazia na indecisão propria e partilhava da desorientação dos dirigentes. As opiniões vogavam á mercê dos interessss de momento.

Vencia se uma difficuldade occasional, creando mil difficuldades futuras. Quebrados os élos que ligavam os membros da familia portugueza e sob o peso directo dos embaraços politicos e da carencia dos meios de resistir — uns submettiam se á França, dominados pelo prestigio de Bonaparte; outros, dominados por circumstancias de ordem diversa, preferiam o dominio inglez—talvez, tambem, porque, em momentos graves, todos pretendem a primasia na resolução dos problemas.

Muitos gemiam na obscuridade da vida privada as affrontas que a incuria chamou sobre a patria; e entre esses o desgraçado general Bernardim, que a plebe inconsciente e amotinada sacrificou barbaramente.

Os officiaes da Madeira devem, pois, ter se submettido inanimes, em tão dubia situação, que não permitte, decerto, rasgos de valentia e patriotismo.

Oficina de empalhamento de garrafões

Carrafeiro soprando uma garrafa e o ajudante formando o bolbo

E' com uma folha de serviços como deixamos esboçado, que Beresford é chamado a exercer o commando superior do exercito portuguez, por decreto de 7 de março de 1809, assumindo o em 15 do mesmo mez...»

Antes de proseguir, baseando me em Guilherme Read Cabral, auctor do romance historico *Angela Santa Clara*, cumpre me asseverar que os madeirenses de 1807, não fôram cobardes ao receber á sem resistencia as forças expedicionarias as ordens de Beresford.

«Resistir, dissera o prelado da diocese, D. Frei Joaquim de Menezes Athayde, seria cavar um abysmo em que nos precipitariamos, arrastando comnosco patria, altar e throno.»

Que não foi desacêrto a nomeação do celebre inglez para o logar proeminente do exercito de que então dispunhamos, prova-o a presteza com que se recuperou o Porto e repelliram as tropas invasoras na sua posse.

A segunda invasão franceza, portanto, limitou-se entre nós a um curto praso de demora, luctuosamente insculpido é certo, na memoria dos heroicos portuenses aos quaes a lancinantissima tragedia da ponte, arrebatou ascendentes directos e em todo o caso avultado numero de antepassados.

Soult não tem para mim a antipathia que me inspira Junot e não posso negar-lhe, em face do quadro historico onde se apruma a sua figura de militar, as qualidades que debaixo d'este aspecto o caracterisaram e o fizeram distinguir nos campos de batalha. Vejo até n'um dos seus biographos este retrato peremptorio:

«Comme ministre, il déploya des capacités administratives égales à celles de l'homme de guerre.»

Comtudo, vantajoso foi que ficassemos livres da sua presença, como já ficaramos da de Junot.

Massena

Ao immortal salvador da França nas alturas de Zurich, ao *filho dilecto da victoria*, coube a chefia suprêma dos francêses por occasião de ser invadido o nosso territorio pela terceira vez.

Massena, que vira a primeira luz da existencia no anno de 1758, perto de Nice, teve por progenitor um negociante de vinhos.

Cêdo se fez soldado n'um corpo francês; mas por não ser de nascimento privilegiado não o promoveram a official e elle, desilludido, inteiramente, largou as fileiras.

Se a Revolução não houvesse rebentado, Massena, sem duvida, ficaria para sempre no olvido.

Na sua pessoa, de caracter porfioso e persistente, encontrou o movimento de 89 um verdadeiro enamorado do fumo da polvora e da voz do canhão, a quem deveria uma das espadas collaboradoras de mais fino golpe.

Assumiu por vezes o vulto de Massena as epicas proporções de heroe lendario, e se nem sempre entoou no remate da pelêja o cantico das victorias, similhante facto derivou de contingencias absolutamente extranhas á sua interferencia e vontade.

Na guerra o desfecho de cada acção depende em geral da comparticipação do imprevisto, qualquer que seja o nivel intellectual dos combatentes, a abundante accumulação de luzes da experiencia e a audaciosa firmeza de intimativa dos dirigentes responsaveis.

Tambem surge, ou se nos afigura que surge no ambiente dos conflictos de provada injustiça o irresistivel integral de todas as forças existentes, a potencia inaccessivel do equilibrio maximo e da ordem perfeita.

Assim se nos revela o povo de que sômos obscuro elemento, na

hora afflictiva em que a praça de Almeida, cheia de estragos e de ruinas por causa do incendio do seu paiol em 26 d'agosto de 1810, capitulou com angustia forçada.

Massena, obediente ás instrucções do insaciavel côrso, marchara em direcção a Portugal com o intento de abater de novo dentro dos muros da cidade rainha do Tejo, a gloriosa bandeira triumphante na Roliça e em Vimeiro.

Investindo por Almeida, tão sinistramente entregue, internou-se animado por tal introito de conquista e dispoz-se a vencer no Bussaco as tropas anglo-portuguêsas, do commando de Wellington.

Parêmos um momento n'este cume da Naturêsa e da historia d'um povo amante do estremecido solo patrio.

Estamos nos arreboes da alvorada do dia 27 de setembro, a onda dos invasores arroja-se á escalada da montanha que os alliados manteem serenos e altivos do seu direito e da sua justiça.

«Sim, repetirei a palavra d'um orador sagrado, foi n'este logar, hoje sagrado, que travamos uma batalha contra o exercito de um poderoso inimigo.

Então, os brios sobrepujáram as forças; o denôdo converteu-se em delirio; e a embriaguês do enthusiasmo abrasou os animos. Os materiaes candentes choveram sobre as tropas pleiteantes; as armas relampejáram, tiniram e cruzaram-se nos ares; e a artelheria inutilisou muitas vidas preciosas.

Assaltantes e defensôres combateram corpo a corpo, braço a braço, á espada e a armas de fogo, em batalha tão violenta; torrentes de sangue cobriram as espaldas d'esta montanha; oh! a lucta tornou-se ardida e sanguinolenta... brava e atróz... desesperada e pavorosa!

D'este modo jogou-se afincamente a sorte de Portugal: a patria esteve ameaçada d'exhalar aqui a vida nacional. Mas os soldados Lusitanos — sobrepujando em coragem, em ousadia e até em chólera — conseguiram quebrar aquella muralha d'homens, que nos acommetteram; levàram de vencida as hostes de Napoleão; e alcançáram o mais admiravel triumpho na libertação da patria!»

Eis agora o registo d'um episodio notavel, colhido por D. Antonio da Costa em documentos authenticos:

«Na celebre batalha do Bussaco (27 de setembro de 1810) vê-se o major João Carlos de Saldanha, no meio de um fogo infernal, reunir as duas companhias de granadeiros dos regimentos 1 e 16, e no sitio fronteiro ao quartel general de Wellington, á frente do novo e por elle improvisado batalhão, repellir denodadamente o inimigo. O comportamento do batalhão mereceu o titulo de bizarro, e o joven Saldanha tornava-se, por aquelles brilhantes feitos, digno de elogios especiaes.»

Massena, batido, com perda de dez mil homens, continuou entretanto a sua marcha, cujo objectivo era Lisboa, sendo obrigado a detêr-se em Torres Vedras, diante das famosas linhas fortificadas que não poude transpôr.

Assim, emprehendeu a retirada, e findou para nós o periodo oppressivo das invasões tremendas.

O illustre vencido do Bussaco e de Torres Vedras, morreu em Paris, no anno de 1817.

Não é licito ainda agora a nenhum portuguê de lei, percorrer com indifferença as paginas que relatam os acontecimentos occorridos a partir de novembro de 1807 até o inicio da marcha de retirada executada por Massena.

O povo, êrmo da sua realêsa, esmagado no interior e no exterior por faltas irremediaveis e por aggravos injuriosos, o povo, desarmado e empobrecido ergue-se pelo sentimento da patria offendida, faz das fraquêsas forças, valorisa-se por si mesmo; e sem este querer modelar o francês haveria anniquilado de vez não só o throno dos Braganças mas a autonomia de Portugal!

Estupendissimo phenomeno de energia moral no auge de scenas de miseravel pusillanimidade, e em presença d'um cataclysmo de devastação insondavel!

Por esta rasão alludi atraz ao integral de todas as forças existentes, á potencia inacessivel do equilibrio maximo e da ordem perfeita, n'uma palavra unica, ao Deus de todos os povos, debaixo de todas as formas!

Referindo-se a Napoleão, um outro genio da França, Victor Hugo, exprimiu este conceito: «Acima d'elle Deus, Deus tão sómente!» e quem ousará negar a occulta intervenção d'esse Deus, d'esse fêcho augusto d'abobada infinita, nas ingentissimas surprêsas de distribuições e de finalidades equitativas?!

O proprio Napoleão topetando nuvens de incenso queimado em sua honra na levissima grimpa da gloria e despenhado em Santa Helena, onde morre captivo, não constitue um exemplo formal de quejandas distribuições, não é a prova formidanda e irrefragavel da immanenta assistencia de Deus aos negocios do mundo?

Livre estava, pois, a patria portuguêsa do jugo estrangeiro e fluctuante, e suggestiva nos muros das suas cidades e no respectivo mastro dos seus navios a desfraldada bandeira autonoma, onde o mar imprimira beijos ardentissimos e a que o éstro de Camões talhára o pedestal inabalavel.

D. Francisco de Noronha.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1070)

X

O sangue subiu ao rosto de Adrianis, e a colera saltou-lhe aos labios. Conteve-se com esforço de praticar algum excesso. O desprezo sem limites, que Damer nunca escrupulizava em mostrar por elle, era por vezes assaz irritante e provocador.

— Concordarei que vós mesmo não sabeis nada de esculptura — disse elle, dominando os seus sentimentos pessoaes — e, todavia, aventuraes-vos a criticar os cavallos de Lysippo.

— A minha critica é segura.

— Talvez seja assim. O mesmo succede á minha, quanto á vossa falta de humanidade com o pobre Biancon.

Damer desfechou-lhe um olhar mau e desdenhoso.

— Com respeito — tornou elle — ao caso Biancon, não pode n'elle haver questão de crueldade ou de bondade. São termos que não fazem parte do vocabulario cirurgico. Sabeis perfeitamente que no palco actor nenhum poderia representar, se sentisse de qualquer fórma as commoções reaes do seu papel. Da mesma sorte nenhum cirurgião poderia operar, se estivesse enervado pelo que vós chamaes «humanidade» com relação ao seu paciente. Não ha mais sentimento ou falta de sentimento no operador do que no actor. E'-vos impossivel comprehender isso. Pelo que vos toca, não vos importaes cousa nenhuma com o defuncto facchino, só d'isso cuidaes por ter chorado por elle uma mulher formosa, que vos é cara.

Falou com insolencia, mas apparentemente com absoluta indifferença. Andrianis córou com desagrado e consciencia de si. Era a primeira vez que o nome da condessa Zaranegra fôra proferido entre elles, sem ser na presença de ella. Parecia-lhe intoleravel presumpção da parte de Damer falar n'ella. Porém, mal sabia o que havia de responder. Com um homem da sua posição teria altercado de fórma que pela manhã haveria um duello ao sabre nas pastagens marginaes do Brenta. Damer, porém, não era socialmente da sua egualha, e, um anno antes, devera-lhe, ou julgara que lhe devera o ser restituido á saude e á vida.

— Preferiria que o nome d'essa senhora não entrasse na nossa conversa — disse elle em voz baixa, mas com altiveza. — Na minha roda não se usa falar de mulheres, a quem respeitamos.

Damer percebeu a censura e a lição, dadas d'esse modo.

— Não pertenço á vossa roda — disse elle com desdem. — Não tenho taes pretensões. E as mulheres para mim são apenas assumpto de investigação, como os gatos — no corpo, entende se. De seu espirito e coração nada sei. Deixo esses estudos a Paulo Bourget e a vós.

Em seguida ergueu se e encaminhou-se para o extremo da piazza, onde a entrada da rua de ourives da Merceria dá para o lado posterior da torre do relogio e para a rêde de estreitas passagens para além de ellas.

Adrianis não o reteve, mas dirigiu se para a sua gondola, em que venceu a curta distancia que medeava entre a praça de S. Marcos e o hotel em que habitava. Dormia algumas vezes a bordo do seu *yacht*, e outras vezes no hotel, porque este ficava mais perto da Ca'Zaranegra, que não avistava das janellas, mas sabia que estava ali ao voltar do canal para o Rialto.

Pareciam lhe insolentes as palavras de Damer; mas estava habituado á sua insolencia, e não as attribuia a outro sentimento que não fosse a frieza do coração, que não era novidade para elle no interlocutor.

A toda a interferencia, ou interrogação respectiva, nos seus actos ou propositos scientificos ou cirurgicos o inglez respondera sempre com a mesma recusa a permittir que aquelles a quem chamava leigos julgassem quer os factos quer os motivos do seu sacerdocio. Era precisamente a mesma especie de arrogancia e de inflexivel segredo, que usavam para com elle os padres que o tinham rodeado na sua infancia; a mesma negação a ser interrogado, a mesma mystica e inexplicada pretensão á superioridade.

«Se elle ao menos se fosse embora!» — pensava Adrianis, quando a sua gondola ia seguindo para o hotel.

Comtudo, reflectia com consolação, em uma semana ou duas Veronica iria para a *villa* de seu pae no Trentino, e ella dera-lhe a entender que falaria ao duque para o convidar a lá ir. Ir lá é que seria impossivel a Damer, ainda que elle o quizesse, o que não era provavel. Porque Adrianis nunca teve suspeitas de qualquer paixão de Damer, que não fosse o desejo de mandar, o prazer que o exercicio de uma vontade forte sobre as mais fracas lhe dava do seu sentimento de dominio intellectual.

Nos dias proximos elle e Damer não se encontraram. Adrianis tinha preparado uma excursão para Chioggia, outra para Grado, e n'essas pequenas viagens a condessa Zaranegra e outras damas estiveram a bordo da sua escuna. Tempo lindissimo; mar brando e sorridente; tudo o que a riqueza podia obrar para tornar essas viagens deliciosas se fez; e elle esperava que no decurso de ellas se offerecesse algum ensejo de arrancar á dama dos seus pensamentos uma garantia definitiva de acceitar o seu amor. A sua esperança foi illudida.

Damer não ia a bordo do *yacht*; mas, quando ella, sobre as aguas, já longe de Veneza, viu os lumes da Fundição e o fumo da fabrica dos Fondamente, onde ficava a torre de elle, teve um calafrio n'essa ardente tarde de verão. Parecia-lhe como se d'essa distancia os olhos do extranho inglez a pudessem ver, impôr silencio aos seus labios e lançar o terror no seu coração. Era apenas uma phantasia morbida; mas essa impressão não a poude ella repellir. Ainda quando lá muito longe, sobre as verdes ondas do Adriatico, illuminadas pelo sol, e quando Veneza ha muito se lhe sumira da vista, permaneciam com ella a frieza e a oppressão da allucinação.

Comquanto a condessa e todas as mais pessoas soubessem que essas festas maritimas eram unicamente em honra de ella e para prazer de ella, continuou a acceitar as homenagens do principe, reprimindo todavia quaesquer palavras positivas e decisivas da sua parte de ella. Sentia que o seu coração pertencia ao principe, e este nada podia enxergar nas circumstancias de ambos que desse causa a tanta hesitação e dúvida. Ambos eram livres, ambos môços; cada qual podia ir ao encontro da felicidade a meio caminho, como as creanças que correm a apanhar um fructo maduro antes de elle ter tempo de cahir no chão, e o colhem quente do sol, ou socegam e o deixam cahir, sem fazer caso de elle. Semelhante situação perturbava-o e affligia-o, mas a sua natureza era ardente, e o seu genio optimista.

— Iremos para as montanhas depois de amanhã — disse ella, quando entrou em casa depois da viagem, que fôra semelhante á *Voyage à Cythère*, no esplendor do sol, no luxo, na harmonia e nos bellos horisontes dos outeiros azulados, das praias resplendentes e das formosas ilhas erguidas nas aguas transparentes.

Andrianis voltou para a cidade, não de todo desanimado, mas contrariado e impaciente da provação e incerteza continuas.

— Vae fazendo demasiado calor aqui; vamos para o campo — disse á sua companheira.

— Por estes dias — respondeu ella. Mas os dias iam correndo, as semanas passavam, a temperatura elevava-se, e ella ainda se não movia; Andrianis permanecia tambem, vivendo principalmente a bordo do seu *yacht*, e Damer addiava ainda a sua partida, passando a maior parte do tempo fechado nos seus dois quartos dos Fondamente.

Que mal podia elle fazer? Que mal faria? Ia para a universidade allemã; sahiria da esphera da existencia de ella com o vapor que o havia de levar da Giudecca para Trieste; desvanecer-se-ia no frio, pardo e escuro norte, e ella ficaria no esplendor, no riso e na alegria do sul. Não tinham nada de commum; não podiam ter nada. Elle pertencia ás suas horrendas investigações, ás suas experiencias morbidas, ás suas desapiedadas am-

bições, e ella pertencia a si propria — e a outrem. Assim o dizia ella mil vezes comsigo mesma, e longe da presença de elle o seu raciocinio servia para a tranquillizar. Mas, sempre que o via, um temor vago e surdo lhe arrefecia o coração. Sentia-se tão inerme como a alegre avesinha, que vê de subito no prado florido, onde fizera o seu ninho, uma serpente que vem de rojo atravez da relva. A ave treme, mas não foge; não se atreve a fugir. Do mesmo modo ella não ousava despedir esse homem de sua casa, nem tinha coragem para se ir embora da cidade, para fóra do alcance do seu magnetismo. Sentia nos nervos o mesmo terror frio das noivas venezianas que foram arrebatadas da festa no Castello pelos magros e fuscos braços dos piratas mauritanos. Faria esforço para occultar o que sentia, pois tinha vergonha dos seus medos sem fundamento e inoffensivos, mas elles offuscavam para ella o contentamento, a alegria, a belleza da viagem estival nos mares de esmeralda.

— Brincaes com a vossa felicidade — disse-lhe a aia agastada.

— Não brinco, na verdade — respondeu ella, a serio, mas não disse mais nada.

Se elle não pudesse persuadi-la a prometter-lhe a sua mão em Veneza, seguil-a-ia para os montes além de Goritz, e lá se decidiria o seu destino. E quasi não duvidava de conseguir o seu fim antes do verão ter passado de todo.

(Continúa.)

ALBERTO TELLES.

MUNDO INTERIOR

POR

Santos Luz

Nos *Esboços de Critica* — livro recente — se referiu já — com palavras de louvor justo e incentivo — quem estas modestas linhas traça — a Santos Luz, o auctor d'este novo livro de sonetos.

Este moço, modesto, muito modesto mesmo, é um sincero e um convicto pugnador dos ideaes modernos e como tal digno de toda a sympathia e de toda a consideração a que tem jús pela lhanesa, afabilidade e excellencia do seu caracter.

Mundo interior mereceu do *Mundo* — e citamos este audaz orgão do partido republicano por ser o mais brusco apreciador critico — palavras encomiasticas; se este jornal assim procedeu é porque tem auctoridade para falar, consoante falou. Theophilo, o Mestre — referindo-se aos *Sonetos da Paixão* — disse que *se Santos Luz produzindo, subisse mais, aquelle livro não o prejudicaria e se ficasse só por alli... não o envergonharia...* e quem assim expõe a sua opinião é insuspeito.

SANTOS LUZ

Depois das opiniões que notamos que havemos nós de dizer? Tudo o que digamos a bem póde ser tido como um dever de amisade... que não consente sinceridade de apreciação; tudo o que digamos a mal será tido na conta de melindres... e ainda o melhor meio de falar n'este caso... é estar callado!

Por isso nos vamos servir das *Duas palavras* com que Santos Luz, em *carta a um amigo*, fecha o seu *Mundo interior*:

«Um dia, fóra da minha terra natal, senti a falta de meus paes falecidos, lembrei-me da minha infancia e tive saudades.

«Não prevendo a cólera dos pretenciosos que iria desabar sobre mim, ou a consciencia dos entendedores não movidos pelo despeito, que me ergueria para novas arremetidas, elaborei o meu primeiro livro e publiquei-o.

. . . .

«Nada descortinando, lancei, imprevidente, não o nego, a primeira pedra do edificio do meu ninho, sobre o qual tenho assentado outras, sem saber se ellas têm ficado em vão. Que o diga quem tiver autoridade.»

. . . .

Mundo interior é dedicado ao velho e bom democrata dr. Manuel d'Arriaga, que é venerado com amor por Santos Luz, a quem pedimos nos desculpe a pallidez do nosso juizo, que é uma simples homenagem de sympathia.

Para fecho transcrevemos — como agradecimento ao soneto de pagina 85 e aos exemplares com que nos mimoseou — o soneto dedicado ao dr. Bernardino Machado — *Fala ao coração:*

Coração! Sobe altivo para a lucta,
Sobre as azas da luz da Liberdade!
E' pedregosa a estrada... mas escuta:
— No fim ha Paz, Amôr, serenidade.

Intemerato, rompe a força bruta
Dos aulicos ferozes, sem piedade!
E, nunca rastejando, a face enxuta,
Não te fartes de Luz e de Verdade!

Não te fartes de Amôr! Aguia ferida
No teu orgulho, rompe, e emfim, n'essa hora,
A Força ante a Razão será vençida!

Segue o teu rumo, ó coração! E embora
Tentem quebrar-te o vôo, rasgar-te a vida,
Segue e triumpha! alcança a Luz de Aurora!

XX-V-CMVIII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto 1908

Barometro. — Max. altura 769mm,4 em 30.
» Min. » 758mm,6 em 6.

Durante a 1.ª quinzena predominou uma altura barometrica superior á normal descendo abaixo de 760°, nos dias 2, 3, 5, 6, 9, 10 e 13 — A segunda quinzena foi, porém, de alturas barometricas elevadas.

Thermometro. — Max. altura 32°,7 em 8.
» Min. » 16°,1 em 6 e 29.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 22 dias.
» Nublado 9 dias.

Chuva — Não se registou.

Chuviscos — Em 13 e 20.

Vento dominante — N. W.

NECROLOGIA

Francisco de Sousa Carqueja

Morreu no dia 21 do corrente o diretor-proprietario do *Comercio do Porto*, Francisco de Sousa Carqueja.

Matou-o o coração como pelo coração viveu toda a sua vida de bemfaser, na pratica da caridade, que fez a sua felicidade fazendo a felicidade dos outros, porque a todos valia e de lhes valer nunca se cançou. Tal era o caracter honrado e bom de Francisco de Sousa Carqueja e pela morte do qual a cidade do Porto se cobriu de luto lamentando a perda de um de seus cidadãos mais queridos, a quem as classes desvalidas, principalmente, muito deviam.

Logo que na cidade correu a noticia da morte de Sousa Carqueja, correram a casa do falecido pessoas de todas as classes sociaes a certificarem-se da má nova, manifestando seu pesar quando se certificaram da verdade. Neste numero contavam-se muitos dos pobres a quem Sousa Carqueja socorria com tanto amor, como se fossem seus filhos e elle, carinhoso pae, e que nelle perdiam quem tanto velava pela sua sorte e lhes acudia em sua miseria.

Não tinha neste seu proceder a jactancia filantropica mas o verdadeiro amor do proximo, que foi sua divisa, manifestado em todos os actos da sua vida.

Sousa Carqueja, espirito verdadeiramente liberal, por isso mesmo nunca teve preferencias pelas facções politicas, sendo tolerante e respeitando todos os ideiaes politicos, sem nunca se apaixonar por nenhum, e nesta independencia manteve sempre o seu jornal com raro bom senso, que o fez respeitavel e respeitado em toda a imprensa jornalistica.

O *Comercio do Porto*, foi-lhe um grande vehiculo que mais o auxiliou no seu proposito de bemfazer, pois ali convergia o obolo de muitissimos de seus leitores, para os pobres que elle protegia, a tantos quantos chegou a sua acção beneficente. Por isso estes muito lhe queriam e agora pranteam o seu desvelado protetor.

FRANCISCO DE SOUSA CARQUEJA

No Recolhimento das Orfans de S. Lazaro, de que elle era administrador, operou reformas com que elevou os creditos desta instituição como casa educadoura. O mesmo fez no Recolhimento de Orfans de Nossa Senhora da Esperança. Estes e outros serviços foram reconhecidos pela mesa da Santa Casa da Misericordia do Porto, que lhe conferiu o titulo de seu vice-presidente honorario, e ainda não ha muito lhe dedicou uma sessão solemne para lhes inaugurar o retrato, na sala das reuniões, prestando-lhe assim uma justa homenagem em vida.

Muitos são os serviços prestados por Sousa Carqueja á causa da instrução, e entre elles o não menor era o de subsidiar e vigiar muitos dos estudantes do liceu e escolas superiores, muito especialmente as alumnas da Escola Normal, a quem promovia a colocação e auxiliava com mobilia, roupas e dinheiro para as primeiras despesas.

O governo, tendo conhecimento da dedicação de Sousa Carqueja, por esta benemerita cruzada do ensino, agraciou-o com a medalha de ouro, que El-Rei D. Carlos lhe colocou ao peito por suas mãos, quando visitou a cidade do Porto, em 1891. Esta medalha, unica condecoração que distinguia Sousa Carqueja, recebeu-a com grande amor e outras não quiz, que não se casavam com sua grande modestia.

A Sociedade dos Tipografos Portuenses contou-o como um dos seus maiores protetores, devendo-lhe uma boa parte da sua prosperidade.

Para se avaliar toda a bondade daquelle coração devotado ao bem, citaremos uma das obras de caridade que elle praticava com os aprendizes das suas oficinas tipograficas e outros operarios mais pobres, quando no inverno, na estação mais rigorosa do frio e da chuva, elle dava calçado e fato de abafo aos mais desportegidos desses confortos.

Quem tanto amor dispensava a estranhos, escusado é encarecer o que dedicava á familia, onde elle era como os antigos patriarcas de que nos falam os livros sagrados, e não podia deixar de o ser quem assim praticava a caridade cristan

e observava a doce lei de Jesus de *amar a Deus e ao proximo como a nós mesmos*.

Francisco de Sousa Carqueja dirigia desde 1858 o *Comercio do Porto*, e o seu espirito esclarecido e educado no trabalho, junto á experiencia dos annos, davam-lhe toda a autoridade para essa direção, sendo sua critica segura e seu conselho consciencioso, justo.

Esta perda para o nosso colega portuense só poderá ser compensada pelo digno continuador das tradições do *Comercio do Porto*, o sr. Bento de Sousa Carqueja, sobrinho do falecido, a quem endereçamos os nossos sentimentos de pesar.

D. Nicolas Salmeron

Em Pau faleceu no dia 20 D. Nicolas Salmeron, um dos vultos mais egregios da visinha Espanha.

Professor e politico, não sabemos que mais honrou se o magisterio pelo seu saber profundo, se a politica pela seriedade e convicção da sua conduta.

Democrata convicto, nem por isso foi contra a sua consciencia, quando esta lhe segredou a inoportunidade da revolução. Podia ter sido o presidente de uma republica, como foi o idolo dos seus compatriotas republicanos, mas não o entendeu assim o homem de estado e antes quiz sofrer as acusações que os seus correligionarios lhe assacaram, do que proceder contra a sua consciencia.

Não pouco isto o mortificou nos ultimos tempos e lhe abreviou os dias de existencia, tanto peior salteado por enfermidades, para alivio das quaes fôra ha pouco viver para Pau.

D. Nicolas Salmeron y Alonso, nasceu em Alhama la Seca, Almeria, em 1838.

Frequentou a Universidade de Granada, colaborou nos jornaes democraticos a *Discussão* e a *Democracia*, de Madrid. Em 1860, foi nomeado professor auxiliar da faculdade de filosofia e letras da capital, sendo preso em 1867 como republicano filiado numa junta secreta.

D. NICOLAS SALMERON

Depois da revolução de 1868 foi nomeado membro da junta revolucionaria e sendo deputado ás côrtes, nellas proclamou as suas ideias republicanas.

Depois da renuncia do rei Amadeu ao trono de Espanha, em 1873, recebeu a pasta da justiça no gabinete Figueras; foi eleito presidente do congresso em 13 de junho e preconisou no seu discurso inaugural uma republica federalista e conservadora.

Presidente da republica em 18 de julho, em substituição de Py e Margall, reprimiu energicamente os movimentos cantonalistas, mas, cançado dos ataques dos seus inimigos, hostil á pena de morte, que as côrtes recusaram abolir, demittiu-se a 5 de setembro.

Reeleito presidente do congresso em 7 do mesmo mez, protestou, sem resultado, junto do Supremo Tribunal contra o golpe de Estado de Pavia.

A restauração afonsina tirou-lhe a sua cadeira da Universidade e expulsou-o, indo viver para Paris.

Indultado por um governo de Sagasta voltou a Espanha, em 1881, sendo reintegrado no logar de professor da Universidade, que tanto nobilitara e continuou a nobilitar com o seu profundo saber.

Deputado ás côrtes em 1886, fundou o partido centralista, intermediario do grupo revolucionario de Ruiz Zorrilla e de possibilismo, de Castelar, e cujo orgão foi a *Justiça*, em 1888, dirigindo uma activa propaganda republicana.

Os seus primeiros discursos parlamentares foram publicados em Madrid, em 1881.

O corpo de Salmeron foi transportado para Madrid, onde o governo lhe fez o funeral com todas as honras oficiaes.